

**Leite, J. (2021). *Itinerário do tempo*.
Pedro & João Editores. São Carlos: 175 pp.**
WELLINTON RAFAEL DE ARAÚJO GUIDA¹



Sempre o mesmo desfecho:

O tempo ganha no final
(Leite, 2021: 167)

Vê-se que a produção literária brasileira contemporânea é profícua no que se refere a multiplicidade de estilos, técnicas e temáticas. Essa multiplicidade, em grande medida, se deve ao Modernismo, haja vista que foi a partir, ao que tudo indica, da Semana de Arte Moderna que se começou e houve a consolidação da abolição de um modelo que encaixava autoras e autores em movimentos literários específicos. Desde então, nota-se que cada autor e autora possui a liberdade de criar seu respectivo estilo segundo as suas próprias

==

¹ Universidade do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Bolsista CAPES. Instituto de Linguística, Letras e Artes, Amapá, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3436-4318>.

propensões literárias e intenções estéticas. Nesse sentido, o fazer poético se torna cada vez mais livre de amarras e se mantém como uma atividade espontânea, gratuita, alicerçada na sensibilidade e (auto)crítica, questionando e rompendo com (pre)conceitos, concepções e valores tidos como indispensáveis.

Itinerário do tempo, livro de poesia, publicado no início do ano 2021, pela editora Pedro & João Editores, de autoria de Jonas Leite, professor de Literatura da Universidade Federal de Pernambuco, é um bom exemplo de obra que segue as considerações acima tecidas, uma vez que o poeta adere ao segmento do livre experimentalismo poético.

Pelas 175 páginas que compõem a recém-publicada obra é perceptível que Jonas Leite recupera o modelo dos chamados poemas curtos, forma poética que teve grande vassão no Modernismo, estrutura versificatória essa geralmente associada ao humor e de expressão mais popular, se comparada ao momento anterior da poesia brasileira. Entretanto, observa-se que o poeta não segue com tal perspectiva no que se refere aos temas dos poemas, já que procura apreender momentos-instantes de pequenas sutilezas, espécies de *flashes* temporais, lembranças que não incitam o leitor ao riso, pelo contrário, percebe-se que seus versos são levados com um certo tom de angústia, evidenciando um sujeito poético aflito com o agora, com saudades do que já foi vivido e apreensivo com o que ainda está

por vir, dado que em tempos tão incertos não é possível visualizar um futuro palpável, e o tempo é como uma força que age em nossas vidas, uma força que pode ser generosa, mas que também pode ser cruel, uma força com a qual não podemos competir, pois como o próprio poeta afirma nos versos da epígrafe que iniciam esta resenha: o tempo sempre ganha no final.

Itinerário do tempo trata-se então de um «relato de intimidades» movente e plástico. É com este epíteto que Ricardo Soares, autor do prefácio presente no livro, qualifica os escritos de Jonas Leite. Epíteto este bastante coerente com o conteúdo dos poemas, visto que o eu poemático contorna seu olhar de dentro para fora, fala de seus afetos, saudades e desejos, expõe seu «eu» interior e demonstra sua relação fragmentada com o outro e com o mundo. Logo, Jonas Leite, unindo rigor acadêmico e criatividade poética, estreia no cenário literário com uma coletânea de poemas que, como já sugerido no título, toma o *tempo* como o fio norteador de suas criações.

É sabido, todavia, que o tempo poético difere do tempo cronológico, se abstém de regras, possui outra atmosfera, sendo assim, o tempo que consta nesse itinerário poético se circunscreve em meio a uma verdadeira experiência sensorial manifestada por meio de sons, imagens e signos, como podemos visualizar no poema a seguir:

No coração dos minutos
Os segundos
Em inúmeros milésimos
Somando-se sem cessar.

No coração das horas
Os minutos
Orquestrando as batidas de segundos.
Somando-se sem cessar.

Nunca nada os arrefeceu,
Sempre o mesmo passo.

No meu coração
Estão todas as horas,
Todos os minutos,
Todos os segundos
Desse dia que demora.
(p. 39)

Além disso, em outros poemas são criadas imagens e metáforas que remetem à memória, à paixão, ao desconsolo, mas que também apontam em direção à solidão e aproximam-se do silêncio, como fica evidente nos seguintes versos: «Depois que tudo passou / As bocas emudeceram / E o coração, igual a um tambor furado, / Não reverberou nada e calou-se tudo» (p. 35).

O que encontramos no decurso da obra, desse modo, é um eu poético tanto em busca das palavras certas para descrever o que sente quanto um poeta que procura ressignificar as palavras e as coisas, dá a elas novas funções, desautomatizá-las, trilhando em meio aos caminhos labirínticos da linguagem poética:

«Busco as palavras / Na tentativa das frases / Num jogo de perceber o que virá / Mas a ideia movediça, amorfa / Desintegra-se à concretude do verbo / E sempre perco» (p. 137). Desta forma, os poemas demandam do leitor uma recepção mais aberta, exigindo sua colaboração na construção de significados para que sejam preenchidas as lacunas que são deixadas entre cada folhear de página, entre uma composição e outra.

Em termos estruturais, a obra está dividida em quatro partes, enumeradas em algarismos romanos, sendo que o poeta as inicia com pequenos poemas que lembram haicais, e que de certa maneira resumem os conteúdos dos demais, como o que abre a parte I: «A Cinza do dia / Emula estrelas / No céu preto» (p. 11). Verifica-se que as três primeiras seções podem ser concebidas como expedientes temporais que marcam o tempo da obra, haja vista que os poemas que as integram remetem a partes do dia: tarde, noite e manhã, respectivamente.

No livro, o poeta escolhe o período da tarde como o momento para o início da empreitada de seu itinerário; os poemas desse bloco apresentam espaços e lugares em constante transformação, logo: «Tudo jaz sobre o tempo / E para que surjas novamente / É preciso juntar o pó, o brilho e o suor» (p. 31). No final do percurso, acha-se a manhã com poemas marcados por ambiguidades, idealizações e o medo do que ainda está por acontecer, pois: «De manhã / Tudo é ambíguo» (p. 115).

No entremeio da tarde e da manhã encontra-se a noite, e é nessa parte, ousa-se dizer, que se localizam os poemas mais vibrantes, que colocam o corpo em movimento, local onde o eu lírico exprime suas expectativas, tanto no que tange a si mesmo quanto ao outro. A palavra de ordem é o desejo, um desejo que é cantado, carnal e passageiro: «Canto meu desejo, / Respeito minha voz. / E não é de fogo, nem de festim / É de carne o meu desejo» (p. 103).

Em se tratando dos poemas que constam na quarta parte, averigua-se que os primeiros podem ser concebidos como fragmentos metapoéticos, uma vez que versam no que concerne ao próprio fazer poético e acerca da dificuldade em encontrar as palavras certas para compor os versos: «Penetro nas fendas das Palavras / Para tentar entrever o oculto delas / Mas insondáveis são os caminhos do verbo» (p. 139), enquanto outras composições recuperam personagens da mitologia grega, tais como Vênus, Teseu, Sísifo, Narciso e Eco:

Poesia para Eco

Esse amar loucamente
Que te consumiu a vida

Esse ódio que levou o outro à morte
Esse morrer poucamente.
De ti restou o fantasma
Eco de uma voz
Que calada
Sofreu e mendigou.

– O amor foi avesso contigo
E tu, cruel com teu amor.
(p. 165)

Enfim, entre páginas em branco, poemas, com e sem títulos, de curta extensão, em meio a movências corpóreas entregues à letargia da paixão, fruto de um desejo vivo e ardente, entre as angústias ocasionadas pelas variabilidades do tempo, a descrição e a repetição do cotidiano e o reencontro com mitos, ler a coletânea de Jonas Leite é deslizar em meio a poemas que possuem um ritmo livre, sustentados por arranjos sintáticos e verbais bem construídos, em sua maioria. Diante disso, em tempos em que criar poesia se torna cada vez mais complexo e, nesse sentido, é um ato de resistência, a obra de Jonas Leite apresenta-se como uma eminente contribuição para o arcabouço da poesia brasileira contemporânea.